

PROPOSIÇÃO PARA O USO DA METODOLOGIA DA HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM FOLKCOMUNICAÇÃO

*Antonio Adami**

*Armando Boll***

*Marcelo Pires de Oliveira****

Resumo: Este trabalho objetiva contribuir para uma reflexão sobre a metodologia da História Oral enquanto uma proposição de aproximação na construção do conhecimento das manifestações populares carentes de registro escrito, circunspectas apenas à tradição popular e oral. Pretendemos destacar como os depoimentos orais não eram considerados válidos pelas ciências humanas por não haver um critério científico comprovado capaz de validar seus resultados. E avançamos na amostragem da evolução de uma metodologia que se mostra cada vez mais presente em diversos ramos da pesquisa científica, entre eles, a medicina e a sociologia, que têm depurado este método e associado seus resultados a uma base teórica consistente que valida os depoimentos no campo do registro documental e possibilita sua utilização por vários pesquisadores. Aproveitamos também para ilustrar nossas afirmações com exemplos reais extraídos da pesquisa de campo realizada com os artistas populares chamados 'Figureiros de Taubaté', o que em muito têm contribuído para a nossa reflexão no emprego da metodologia em questão e na nossa evolução enquanto pesquisadores.

* Doutor pela FFLCH/USP; Coordenador do Programa de Mestrado em Comunicação da UNIP; participa do Grupo de Pesquisa "Comunicação, Cultura e Memória" no CNPq; é professor e pesquisador no grupo de História Oral da UNITAU.

** Mestre em História pela USP; professor e pesquisador no grupo de História Oral da UNITAU.

*** Mestre e Doutorando pelo Departamento de Mídias da UNICAMP; é professor e pesquisador no Grupo de História Oral da UNITAU e participa do Grupo de Pesquisa "Comunicação, Cultura e Memória" do CNPq.

Este trabalho objetiva contribuir para uma reflexão sobre a metodologia da História Oral enquanto uma proposição de aproximação na construção do conhecimento das manifestações populares carentes de registro escrito, circumspectas apenas à tradição popular e oral.

Neste artigo pretendemos destacar como os depoimentos orais não eram considerados válidos pelas ciências humanas por não haver um critério científico comprovado capaz de validar seus resultados. E avançamos na amostragem da evolução de uma metodologia que se mostra cada vez mais presente em diversos ramos da pesquisa científica, entre eles, a medicina e a sociologia, que têm depurado este método e associado seus resultados a uma base teórica consistente que valida os depoimentos no campo do registro documental e possibilita sua utilização por vários pesquisadores.

Aproveitamos também para ilustrar nossas afirmações com exemplos reais extraídos da pesquisa de campo realizada com os artistas populares chamados 'Figureiros de Taubaté', o que em muito têm contribuído para a nossa reflexão no emprego da metodologia em questão e na nossa evolução enquanto pesquisadores.

As questões que envolvem as escolhas de teorias e métodos de pesquisa na área das ciências sociais, entre elas a comunicação, são, segundo Maria Immacolata Vassalo Lopes, uma conseqüência da própria dinâmica do desenvolvimento dessas ciências e dos caminhos percorridos pelos diversos pesquisadores (LOPES – 1990 p.30). Um desses caminhos conduz a necessidade de realizar entrevistas, e diante dessa urgência em captar a informação viva, uma metodologia que se apresenta diante dos pesquisadores de ciências sociais, é a Metodologia da História Oral.

A metodologia da História Oral, ou como define Mercedes Villanova, a história do tempo presente, tem sido utilizada por diversos campos do conhecimento como um método de obtenção de dados que até recentemente haviam sido descartados por não haver critérios adequados para sua correta documentação.

“desde o século passado, a antropologia, a história, a sociologia, o jornalismo, a psicologia, entre outras áreas do conhecimento humano e da comunicação social, tem se ocupado de depoimentos, testemunhos e entrevistas como forma de registro e análises sociais.” (BOM MEIHY - 1998, p.35)

Desde os anos de 1960 a 1970, que os historiadores orais debatem questões referentes à memória. Os depoimentos orais não eram considerados pelas ciências humanas por não haver, segundo alguns pesquisadores, um critério científico comprovado capaz de validar seus resultados. Apenas recentemente é que uma parte dos historiadores documentalistas entendeu que a história oral se mostra eficaz e prática na busca do descobrimento do que ocorreu, com métodos de natureza científica para recuperar a história e a cultura. Estas questões surgiram porque documentalistas tradicionais se posicionavam a respeito da memória não ser confiável como fonte histórica, possível de ser distorcida por diversos fatores, inclusive pela deterioração física do entrevistado e por influência de versões diversas do passado, além obviamente da leitura que o entrevistado pode ter sobre determinado fato, influenciado pelas suas crenças de todos os níveis. Pesquisadores que nos anos 80 tinha esta postura extremamente crítica sobre a validade da história oral foi o grupo de pesquisa inglês Memory Group (Grupo de Memória Popular) do Centre for Contemporary Cultural Studies (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos) de Birmingham. Mas dada a importância dos dados históricos, muitas vezes disponíveis apenas via história oral, e que inclusive podem se perder, e a preocupação de aferir e de buscar efetivamente novas fontes, principalmente para recuperar estes fatos, é que fizeram as pesquisas nesta área do conhecimento se desenvolverem.

“Tomando por base a psicologia social e a antropologia, mostraram como determinar a tendenciosidade e a fabulação da memória, a importância da retrospectiva e a influência do entrevistador sobre as recordações. Da sociologia, adotaram os métodos da amostragem representativa, e na história documental foram buscar regras para checar a confiabilidade e a coerência interna de suas fontes. O novo cânon forneceu indicadores úteis para interpretar memórias e combina-las com outras fontes históricas, a fim de descobrir o que ocorreu no passado.” (THOMSON, A. FRISCH, M. e HAMILTON, P – 2001, p. 66-67)

Nesta perspectiva, nos últimos cinquenta anos (JOUTARD, 1998) diversos ramos da ciência, entre eles, a medicina e a sociologia têm depurado este método e associado seus resultados a uma base teórica consistente que valida os depoimentos no campo do registro documental e possibilita sua utilização por vários pesquisadores.

Segundo José Carlos Sebe Bom Meihy, "a história oral pretende ser um campo multidisciplinar em que, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalhos possam dialogar sobre maneiras de

abordagem das entrevistas e trocar experiências." (BOM MEIHY – 1998 p.35). Isso possibilita uma mudança de postura e comportamento diante da entrevista e dos seus muitos desdobramentos enquanto formulação de um documento válido para a abordagem científica.

No Brasil desde os anos 1950 as ciências sociais vêm explorando as possibilidades do uso da metodologia, que se intensificou a partir da abertura política e o início da Nova República com a redemocratização da sociedade brasileira e a busca pela construção da memória do período militar por parte daqueles que foram perseguidos e calados pelo regime.

No campo dos estudos da folkcomunicação a metodologia da história oral tem sido utilizada pelo grupo de pesquisas em história oral do departamento de comunicação social da Universidade de Taubaté, na pesquisa da construção da memória dos figureiros. Também existem outros estudos realizados pelo CERU/USP (Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo – ligado à faculdade de Filosofia Ciências e Letras) e no Centro de Memória da Unicamp em Campinas(CMU). Como exemplo podemos citar o trabalho desenvolvido pelo CMU no resgate da memória dos bairros de Campinas, entre eles um de origem Alemã.(Texto Olga)

O que pretendemos apresentar são algumas considerações metodológicas aplicadas na pesquisa feita em Taubaté com os figureiros que validam e esclarecem como esta metodologia, quando bem empregada, pode facilitar a obtenção de dados e sua posterior análise criteriosa como recomenda a metodologia da pesquisa científica.

A princípio é preciso enunciar alguns aspectos fundamentais da metodologia da história oral:

a) Esta metodologia é baseada no depoimento oral como peça documental de um determinado período histórico muito próximo, portanto é necessário derrubar alguns pré-conceitos quanto ao uso de informações recentes na construção do conhecimento, já que várias correntes do estudo científico, em especial a História preconizam o distanciamento com relação ao objeto estudado, sendo que alguns autores recomendam um espaço de no mínimo cem anos para a observação dos fatos históricos.

b) Diferente de outras metodologias, a história oral, valoriza a pesquisa qualitativa e a subjetividade das respostas é levada em consideração durante todo o processo, o qual muitas vezes defronta o pesquisador com os conceitos da verdade, uma vez que ao colher depoimentos pessoais nos quais a subjetividade e a interpretação dos fatos com os filtros pessoais de cada depoente podem

conduzir a uma multiplicidade de informações e de visões(posições) sobre os fatos pesquisados.

c) A maioria dos métodos científicos sugere que o pesquisador assuma uma postura neutra diante do objeto para manter a imparcialidade científica. Na metodologia da história oral, por ser ela uma metodologia participativa, o depoente é também um colaborador da pesquisa e portanto agente e objeto do conhecimento que se constrói. Com esta postura a neutralidade científica é abalada e o pesquisador necessita assumir uma nova postura diante do seu objeto, uma vez que ambos, pesquisador e pesquisado são co-autores do trabalho.

d) As várias etapas desenvolvidas para validar esta metodologia exigem uma disciplina metodológica muito mais comprometida por parte dos pesquisadores, já que nenhuma etapa pode ser suprimida ou esquecida, pois a cada uma delas há um retorno para o pesquisado sobre o andamento da pesquisa. E como neste retorno os resultados e análises devem ser validados tanto pelo pesquisador quanto pelo entrevistado, a queima de etapas com certeza, irá comprometer a credibilidade da pesquisa assim como a validade dos dados obtidos.

e) Dentro da metodologia da história oral há ainda um compromisso ético e metodológico com a divulgação das informações organizadas na pesquisa e seu compartilhamento com todos os componentes da sociedade.

f) O trabalho com as entrevistas, sua gravação, transcrição e transcrição¹, produz além de um relatório final que pode ser um livro, uma tese, uma monografia, etc.; um número de novos documentos que podem ser utilizados em novas pesquisas por outros pesquisadores. Estas fontes primárias ao serem reutilizadas em outros projetos possibilitam novas leituras e análises que podem gerar novos produtos.

¹ Seguimos aqui a definição de José Carlos Sebe Bom Meihy, na qual transcrição é a entrevista trabalhada já em sua fase de apresentação pública. As correções gramaticais, as frases completas e a fluidez do texto literário, uma vez que é a versão final da transformação da oralidade em escrita.

A Pesquisa com os Figureiros

A pesquisa com os figureiros de Taubaté, artistas populares, regionais, que se utilizam do barro para construir suas obras, que representam a cultura, a devoção religiosa e o modo de vida típicos do Vale do Paraíba, na região de Taubaté, como uma manifestação popular única, com 200 anos de tradição, vem se desenvolvendo desde 2001 com os primeiros contatos com a comunidade.

A escolha pela metodologia da história oral foi discutida durante o ano 2000 em um grupo de estudos sobre memória, para o qual a metodologia foi apresentada e debatida. Em 2001 este grupo fez a opção pelo objeto de estudo, que veio a ser a construção da memória dos artistas populares conhecidos como Figureiros.

A partir dessas duas escolhas foi iniciado o primeiro contato, que consistiu no levantamento das informações de domínio público sobre estes artistas, para depois um encontro pessoal com alguns deles, que eram indicados pela pesquisa anterior como sendo os mais antigos e mais representativos.

Neste primeiro contato já foi possível perceber uma divisão na comunidade de figureiros, aqueles pertencentes à cooperativa, chamada "Casa do Figureiro" e aqueles que não são sócios da cooperativa. Houve também a percepção de que a maioria dos artistas concentravam-se no bairro da Imaculada e que eram relacionados por laços familiares e afetivos.

De acordo com a metodologia, os pesquisadores estabeleceram uma primeira entrevista, batizada de "entrevista zero", com a presença de alguns membros da comunidade de artistas, entre eles sócios e não sócios da cooperativa. Esta "entrevista zero" serviu como um primeiro contato com a comunidade e sua história, além de auxiliar na percepção das diversas redes de relacionamento e nos matizes das características dos pesquisados.

A partir da "entrevista zero" foi possível organizar uma escala de critérios objetivos na seleção dos principais colaboradores da pesquisa contemplando as diferenças e semelhanças dos muitos componentes do grupo estudado.

Por ser uma pesquisa participativa o pesquisador necessita conquistar a confiança dos seus colaboradores e para tal deve inserir-se na comunidade. Esta inserção é similar à pesquisa etnográfica e necessita de um período de ambientação com as fontes.

"Esta abordagem qualitativa e não estruturada, o contato direto com a 'realidade' vai no sentido da redução, desejada por Gramsci, da distância entre os intelectuais e o povo. Ela não está, entretanto, isenta do perigo de um certo romantismo pequeno-burguês, segundo o qual o povo ou as massas têm sempre razão e não podem se enganar. Junto a isso, aliás, se encontra frequentemente o que o sociólogo colombiano Fals Borda chama de 'masoquismo populista', segundo o qual o pesquisador ou intelectual deve viver penosamente, pôr as mãos na sujeira etc. E isso não conduziria, do mesmo modo, ao perigo de afundar nos 'subjetivismo', no abandono da pesquisa 'sobre fatos objetivos'? O risco existe, mas não é inevitável. Isso, ao menos, pelas duas razões que seguem: Inicialmente, não vemos por que a subjetividade dos pesquisados não poderia ser um dado objetivo a ser estudado. Além disso, esse pesquisado ponto de vista subjetivo dos pesquisados deve se combinar e articular com a análise das situações vividas, mas desta vez a partir de um quadro teórico de análise, juntamente com instrumentos estruturados." (BOTERF, 1985. p. 59-60)

A ambientação ocorre ao longo do tempo e com a construção de laços profissionais e afetivos, que causam um certo desespero nos pesquisadores ortodoxos, pois aproxima a fonte do pesquisador no nível da intimidade.

A relação de intimidade e confiança é realizada ao longo de vários e repetidos contatos, "para que se estabeleça um clima de confiança sem o qual o trabalho é impossível, a grande quantidade de colóquios para se conseguir uma narração integral, vemos que esta técnica de estudo é das que consomem tempo e das que mais vagar e paciência requerem; o trabalho não pode ser feito de maneira intensiva - longas entrevistas para esgotar rapidamente o assunto - por que os detalhes se perdem e o cansaço do pesquisador e do informante deforma o relato." (QUEIROZ - 1991 p. 158)

No nosso caso, a pesquisa com os figureiros, a confiança e a intimidade precisou ser construída com um grupo grande de indivíduos, já que a comunidade apesar de estar, em sua maioria, reunida por uma cooperativa e localizada numa mesma região geográfica possui singularidades que são notáveis e preciosas para a pesquisa.

A forma que o grupo de pesquisadores encontrou para estabelecer esta parceria foi o de visitas constantes, periódicas e dirigidas. Isto é, a cada contato, que era realizado em intervalos regulares uma nova proposta de trabalho conjunto era apresentada e posta em prática, sendo que sua duração era previamente comunicada ao grupo e a os sucessivos retornos eram programados de comum acordo e cumpridos por todos os envolvidos. Desse esforço pela constância por parte dos pesquisadores foi incutido no grupo pesquisado um valor de seriedade

e respeito para com o trabalho que resultou no igual compromisso por parte dos colaboradores. Esse clima de parceria e cumplicidade conduziu a um nível de relacionamento entre as partes que com muita naturalidade o grupo dos Figureiros iniciasse da sua parte uma série de reivindicações de produtos comunicacionais que viessem a valorizar seu trabalho e divulgá-lo para a sociedade. Um deles ocorreu em 2001 com um pedido para a elaboração de um folder explicativo, bi-lingue da atividade desses artistas. Esse folder foi elaborado em parceria com os pesquisadores e outros professores do departamento de comunicação social e foi impresso pela Universidade e entregue para a comunidade de figureiros no início de 2002. O folder como pudemos perceber era uma necessidade do grupo para a divulgação de seu trabalho diante da percepção de uma clientela de visitantes estrangeiros que vem a Taubaté e também material de apoio em feiras e exposições em várias cidades do país nas quais os figureiros expõem suas peças.

Durante o andamento da pesquisa as várias visitas ao local de trabalho dos colaboradores também aproximou os pesquisadores de uma faceta da proposta de interpretação dos dados, que era conhecer as técnicas criativas e materias que constituem as peças. Os entrevistados, pela intimidade construída, sentiam-se à vontade para receber os pesquisadores em suas casas e seus ateliês e até trocar confidências a respeito das diversas relações existentes dentro da comunidade (parentescos; rivalidades e intimidades).

Esses momentos de inconfidências, apesar de não poderem ser documentadas e nem existirem no corpo do trabalho final, foram de muita ajuda na composição de uma rede de filtros de análise que permitem, atualmente, uma abordagem menos ingênua do objeto de pesquisa, e que possibilita uma leitura mais criteriosa das entrelinhas das entrevistas concedidas. Essa nova percepção do trabalho, apesar de não possuir, a priori, uma rigidez metodológica e uma base teórica adequada, com o passar do tempo e o crescimento do corpo de documentos gerados pelas entrevistas e os outros contatos com os colaboradores faz com que os resultados da pesquisa ao serem organizados possam assumir um caráter objetivo e criterioso que os transformam em documentos válidos e adequados para o seu uso dentro de uma produção de conhecimento científico.

No ano de 2003 foi proposto dentro do projeto de pesquisa a elaboração de um catálogo dos figureiros em atuação na cidade de Taubaté. A partir da parceria com o grupo foi feita a escolha de 43 figureiros, a partir de alguns critérios objetivos vinculados à proposta da pesquisa. Estes critérios buscam contemplar a variedade e antigüidade dos artistas. Atentos e fiéis aos princípios metodológicos elaboramos os critérios de seleção além de requisitarmos o auxílio de alguns artistas que são unanimemente considerados referência entre seus

iguais. Alguns critérios adotados foram por exemplo o tempo mínimo de cinco anos atuando como figureiro em Taubaté; ser aceito e considerado pelos figureiros como figureiro; ser descendente e pertencer a família tradicional de figureiros.

Essa lista ao ser elaborada em conjunto com a comunidade (aqui é preciso ressaltar que foram envolvidos tanto sócios da cooperativa, como não sócios) necessitou de uma sucessão de etapas para sua conclusão. As etapas foram as seguintes:

1- Organização de uma lista única com todos os nomes de todos os figureiros conhecidos pelos pesquisadores à partir de diversas fontes.

2- Checagem com os colaboradores da fidelidade dessa lista

3- Verificação junto aos colaboradores o valor artístico dos artistas selecionados, segundo os valores próprios do grupo. Pois, para eles ser figureiro envolve uma série de princípios, que essa lista evidenciou, são eles:

a) Trabalhar basicamente com o barro.

b) Produzir peças relacionadas com a temática tradicional.

c) Pertencer ou ter sido ensinado por algum membro da comunidade.

d) Utilizar técnicas manuais que garantem a originalidade de cada peça. (sua não reprodutibilidade técnica)

4- Checagem da continuidade do artista listado como um artesão em atividade. Nessa etapa muitos nomes foram descartados por se descobrir que o artista havia ou falecido, ou se aposentado ou até mesmo mudado de cidade.

Depois de muitos encontros foi finalizada uma lista unânime entre os colaboradores que contemplava a maior abrangência e diversidade de artistas em exercício na Cidade de Taubaté.

Além dessa etapa inicial, na qual a colaboração ativa dos artesãos foi de fundamental importância, aconteceram ainda três etapas posteriores. A primeira delas foi a elaboração de pequenas biografias de cada artista, que deveria atender a três questões básicas:

a) O que o levou a ser figureiro ?

b) Qual a importância dessa atividade em sua vida ?

c) Quais as suas figuras mais representativas ?

A segunda etapa foi a de fotografar cada artista listado e mais três peças suas. Nessa etapa o envolvimento de outros professores e profissionais da fotografia foi necessária e a relação dos pesquisadores com o grupo foi de extrema

importância, pois foi o maior facilitador das sessões de foto e da cessão das peças para serem fotografadas em estúdio profissional para uma melhor qualidade. O empréstimo das peças foi, segundo relatos do grupo, um fato inédito, que demonstra a confiança construída e o entendimento da seriedade da pesquisa por parte dos pesquisados.

Como terceira etapa desse processo, houve o retorno dos pesquisadores com as biografias redigidas em seu formato final, para que elas fossem lidas, alteradas, quando necessário, e aprovadas pelo próprio artista nela retratado.

A maioria das sessões de fotografia foram realizadas em um mesmo local, a Casa do Figureiro, mas em alguns casos, à pedido dos artistas as fotos precisaram ser realizadas em suas casas, o que foi possível pelo envolvimento coletivo obtido através do amadurecimento das relações da pesquisa.

Ao analisarmos a trajetória desse trabalho de pesquisa participativa com agentes da cultura popular, podemos perceber que a opção por uma nova metodologia foi bem sucedida na sua aplicação quando os resultados mais visíveis são aqueles intangíveis, isto é, a construção de uma parceria entre pesquisadores e pesquisados com um objetivo claro de construirmos em conjunto, sem a predominância de nenhuma das partes, uma representação simbólica, avalizada pela academia, da sua experiência singular em serem artistas populares.

Ao percorrermos os resultados do trabalho percebemos que não é possível abarcar a totalidade de produtos e reflexões que o contato direto com as fontes possibilitou, deixando a cada novo encontro uma nova lacuna a ser preenchida com uma nova leitura e reflexão sobre o tema, o que nos estimula e incute um desejo de prosseguir na pesquisa e compartilhar essa experiência com outros colegas incitando-os a tanto mergulhar no universo das figureiras de Taubaté, quanto de utilizar em suas próprias pesquisas a metodologia que foi aqui apresentada.

Referências Bibliográficas

LOPES, M. I. V. , Pesquisa em Comunicação: Formulação de um Modelo Metodológico. São Paulo: Loyola, 1990

BOM MEIHY, J. C. S. , Manual de História Oral. São Paulo, Loyola, 2 ed. 1998

BOTERF, G.L. "Pesquisa Participante: Propostas e reflexões metodológicas" In. BRANDÃO, C.R. (org) Repensando a Pesquisa Participante. São Paulo. Brasiliense, 1985

THOMSON, A., FRISCH, M. e HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: MORAES FERREIRA, Marieta de; AMADO, Janaína (orgs.). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2001.

QUEIROZ, M. I. P. , Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva. São Paulo. T. A Queiroz, 1991